

IN  
TRO  
DU  
ÇÃO

# 2

POR ELOISA PIANGERS



Quando o Marcos nasceu eu não tinha um homem pra segurar a minha mão na hora do parto, mas tinha um monte de amigas. Éramos meio que uma confraria de jovens mulheres morando na mesma cidade, tentando ganhar a vida como nutricionistas numa época em que o *fast-food* ganhava cada vez mais adeptos. O nascimento do Marcos foi uma festa pro grupo. Todas me ajudavam a dar banho, trocar fralda, fazer aquele bebezinho dormir.

Ele me acompanhava pra todo lado. Com dois meses a gente ia jantar em grupo, mas eu era obrigada a chegar cedo na pizzeria, porque na época o cigarro era liberado em ambientes fechados. Quando a turma da fumaça chegava, meu grupo, eu e meu pimpolho estávamos pagando a conta. O

Marcos ia em todos os eventos que eu ia. Reuniões de trabalho, festas de aniversário de amigos. Ele foi crescendo e virando o xodó da turma. Dançava músicas do Michael Jackson enquanto a mulherada batia palma. Era como um Clube das Mulheres, onde o único homem tinha apenas três anos.

Mas nem tudo era festa. Minha mãe e meu pai queriam que eu tivesse abortado. Até os dois anos de idade o Marcos não tinha sido aceito pelos avós. Uma das minhas amigas insistiu pra apresentá-lo pros meus pais. Viajei seis horas e fui recebida com uma raiva inexplicável: “O que tu tá fazendo aqui? Quem te deu autorização pra vir aqui? Te arranca daqui!”. Mães solteiras não são aceitas.

O Marcos tinha quase quatro anos quando a minha família aceitou totalmente a ideia de eu ter um filho. Isso só aconteceu quando eu apareci com um namorado. Uma mãe só seria aceita se tivesse um marido. Isso faz mais de 30 anos. As coisas parecem ter melhorado, mas tenho a impressão de que ainda é assim em algumas famílias.

Queria que meus pais pudessem ver a pequena revolução que o livro do Marcos causou. Esses dias, em um restaurante, a garçonete veio me dizer como o livro mudou a vida do irmão, que deixou de ser um pai ausente para participar da vida do filho. Todos os dias recebemos mensagens de carinho, de mães que se identificam com a minha história, de pais que decidiram ser mais presentes por causa do livro. Crianças, mulheres, senhores, todos emocionados com as histórias das minhas netas. Milhares de reais doados para instituições de caridade. Queria que meus pais pudessem ver tudo isso.

Pra escrever esse texto, eu e meu filho conversamos bastante. Lembramos do dia do parto, eu rodeada de amigas. Dos primeiros anos afastados do resto da minha família. Das festas em que o Marcos ia comigo e acabava virando o mascote. De quando dei pra ele um gravador de fita cassete e ele adorava se gravar, como se estivesse em um programa de rádio. De quando ele ficou adolescente e a gente brigava. De quando minha mãe morreu. De quando eu fiquei em coma depois de um acidente de carro. De quando eu descobri o câncer.

Quando ele me perguntou se eu sinto saudade de alguma coisa, eu disse que não. Eu me sinto absolutamente bem resolvida. Apenas posso dizer que, de vez em quando, tenho saudade de uma pessoa.

Meu pai.



*Para Eloisa Piangers.  
Para Ana Emilia, Anita e Aurora.  
E para todas as mães solteiras.  
Obrigado!*





**APROVEITE  
AGORA**

**VOCÊ, QUE ACABOU DE DESCOBRIR** que vai ter um filho. A melhor coisa que alguém pode te dizer, neste momento, é: “Parabéns, cara. Espero que tudo seja incrível. Espero que você tenha tempo pra aproveitar tudo de perto”. É isso que desejo pros meus amigos. Desejo isso pra mim mesmo. Ter tempo para seus filhos é uma fortuna. A pior coisa que alguém pode dizer é: “Prepare-se! Aproveite pra dormir agora! Depois de ter filho você não vai conseguir!”.

Existem crianças que realmente choram muito, estão sempre com fome, têm cólicas. Mas são exceções. A maioria delas alterna um soninho gostoso (daqueles que dá vontade de ficar olhando) com noites eventuais de choro e reclamação. Mas, cá entre nós: quantas noites você virou acordado bebendo com os amigos? Ou quantas noites ficou acordado estudando? Ou vendo bobagem no Facebook?

Existem momentos chatíssimos na paternidade; um jogo de tabuleiro com uma menina de três anos, por exemplo. Você joga o dado. Dá cinco. Ela leva cerca de vinte minutos para contar as bolinhas pretas do dado. “Cinco! Vamos logo, filha!”, você sentirá vontade de gritar. Então, ela segura a sua peça e vai pulando casas e tentando contar. “Um...”, e pula duas casas. “Quatro...” e pula duas casas. “Oito!”, e coloca a peça no meio do tabuleiro, em um espaço que nem faz parte do trajeto.

Noites em claro, cocôs em restaurantes, choros incessantes enquanto você está dirigindo. Esses são os piores momentos. E, também, os melhores. Cada noite maldormida vai te transformar em um herói. Cada noite em claro é um sorriso que você recebe, uma mãozinha segurando seu dedo. Cada fralda suja é uma chance de você fugir de uma conversa chata. Cada vez que você acalma o choro do seu filho, sente-se um encantador de bebês. Você se sente pronto pra cuidar de dez crianças. Você se sente imbatível.

Danem-se as noites de sono. Espero que tudo seja incrível. Espero que você tenha tempo pra aproveitar tudo de perto. É isso que desejo para os meus amigos.

NÃO  
MUDARIA

NADA

**UMA VEZ EU FUGI DE CASA.** Fiquei uma semana com amigos pegando carona e dormindo em praias. Deixei um recado na mesa da cozinha: “mãe, fugi”. Eu fumei cigarro na faculdade, pra parecer durão. Com as mãos fingia uma naturalidade, a garganta toda arranhada. Vontade de tossir monstra. Eu andava com as calças largas demais e minha cueca estava sempre aparecendo. Isso deixava minha mãe maluca. Décadas depois, todos os *rappers* andavam com as cuecas aparecendo. De alguma forma, aquilo virou moda. Pro desgosto da minha mãe.

Eu namorei uma menina por algum tempo. Ela ficou triste quando acabou nosso lance. Eu achava que ia casar com ela, mas não rolou. Depois, namorei outra menina. Ela era linda e eu fiquei muito triste quando acabou nosso lance. Eu chorei, porque achava que ia casar com ela. Mas não rolou. Então, conheci outra menina e ficamos juntos pela



primeira vez em um Dia dos Namorados. Você tem que valorizar uma coisa dessas. Logo, estava morando com ela. Essa menina é a sua mãe, Anita. Quando descobrimos que você viria, choramos os dois, meio de alegria e meio de medo. Nossa vida ia mudar.

E mudou. Pra uma infinidade de melhoramentos.

Um taxista me disse esses dias que se arrepende de não ter topado um trabalho em uma cidade do interior. “Minha vida ia ser melhor. Hoje eu estaria rico.” Uma vez, um amigo disse que se arrependia do curso que escolheu na faculdade. “Não consigo emprego.” Ouvi um cara lamentando no rádio que teve a chance de ser sócio de uma empresa que hoje vale milhões. “Minha vida teria mudado!”

Eu não mudaria nada na minha, Anita. Não deixaria de fugir, aquela vez. Não deixaria de namorar quem namorei. Não escolheria outro trabalho, nem outra esposa, nem outra cidade. Manteria todos os meus erros, e os acertos. Até o dia em que você nasceu. Pra que você nascesse assim como nasceu. Igualzinha, de acordo com as imprevisibilidades genéticas. Com seus dentinhos tortos e seus olhos grandes. Com sua doçura e suas opiniões.

Depois, eu continuei errando. E me arrependendo dos meus erros e escolhas, mas não os mudaria. Porque, então, veio a sua irmã e deu sentido a todos os erros. Não mudaria nada. Pra que tudo acontecesse no dia e na hora certa. Pra que vocês fossem exatamente como são. Não mudaria nada. Nem meus erros. Nem minhas falhas. Nem meus fracassos. Pra que vocês fossem iguaizinhas. E dessem sentido a tudo.